

~~1165~~  
INSTRUÇÃO PASTORAL  
DO  
BISPO DO ALGARVE  
Dom Bernardo António  
de Figueiredo  
18.01.1826

# INSTRUÇÃO PASTORAL

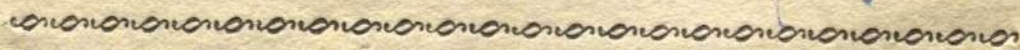
SOBRE O ENSINO

DA

## DOUTRINA CHRISTÃ.



*Gifted to the  
Biblioteca  
do Sr. Mac Gride  
Fernandes  
Lisboa  
24/3/1950*



LISBOA:

NA IMPRENSA DA RUA DOS FANQUEIROS N.º 129 B.

ANNO 1826.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

( 3 )

DOM BERNARDO ANTONIO DE FIGUEIREDO, POR MERCE DE  
DEOS, E DA SANTA SE' APOSTOLICA BISPO DA DIOCESE,  
E REINO DO ALGARVE, DO CONSELHO DE SUA MAGES-  
TADE FIDELISSIMA O IMPERADOR, E REI NOSSO SENHOR.

Aos Nossos amados Irmãos os RR. Parochos, e a  
todos os Fieis Nossos Diocesanos Saude, e Benção em  
Jesu Christo Nosso Salvador.

**H**UMA das principaes, e mais importantes obrigações  
do Nosso Officio Pastoral, e dos RR. Parochos Nossos  
Cooperadores no Sagrado Ministerio, he sem dúvida a  
instrucção dos Povos nos Mysterios da Fé, e nas ver-  
dades santas da Religião de Jesu Christo, donde está  
dependente a nossa eterna felicidade. (1) As sciencias  
humanas as mais sublimes só nos podem servir no curto  
espaço da vida presente, e com ella hão de ser abolidas,  
e destruidas, como diz o Apostolo. (2) A sciencia da  
Religião, e da Doutrina Christã he a unica, que tem  
relações essenciaes com a vida futura, e que ha de du-  
rar, e permanecer por toda a eternidade, porque a  
contemplação das maravilhas ineffaveis, que ella encer-  
ra, fará parte da gloria, e bemaventurança dos Escol-  
hidos do Senhor. Ella he propriamente a sciencia dos  
Santos, a sciencia da Salvação, que encaminha ao seu  
verdadeiro fim todas as outras sciencias, as quaes, sem  
aquella, só podem fazer presumidos Sabios, como os do  
Paganismo, de quem diz hum Profeta, (3) que queren-  
do distinguir-se por seu espirito, e entendimento, não

(1) *Psal.* 93. 1. 2. (2) *1. Cor.* 13. 8. (3) *Baruch.* 3. 23. 28.

( 4 )

conhecêrão o caminho da verdadeira sabedoria, e pe-recêrão pela sua ignorancia, e insipiencia.

O ensino desta Doutrina saudavel, cujos funda-mentos são tão antigos como o peccado de nossos pri-meiros Pais, e que foi desenvolvida de seculo em seculo pelas revelações feitas aos Patriarchas, e aos Profetas, e ultimamente por Jesu Christo Nosso Redemptor, que veio habitar entre nós, cheio de graça, e de verdade, (4) e chamar-nos das trevas para a sua maravilhosa luz, (5) he hum dos fins principaes do Ministerio Ec-clesiastico: porque se o Salvador do mundo deo á sua Igreja Apostolos, Evangelistas, Pastores, e Doutores, cuja successão ha de durar até o fim dos seculos, foi para que os Fieis solidamente instruidos do que devem crer, e obrar, por meio do ensino continuado das ver-dades Christãs, *não sejam meninos fluctuantes, nem se deixem levar em roda de todo o vento de Doutrina pela malignidade dos homens, e pela astucia com que induzem ao erro; mas praticando a verdade em caridade, cresçam de todos os modos em Jesu Christo, que he nossa Cabeça, e nosso Chefe.* (6)

Nós temos a consolação de saber, Irmãos, e Filhos carissimos, que ha entre vós Pastores zelosos, infati-gaveis, e exemplares neste importantissimo Ministerio, e que distribuindo liberalmente o pão sagrado da pala-vra de Deos ao Rebanho que lhes foi confiado, não po-dem temer aquella triste lamentação do Profeta Jere-mias: *os pequenos pedirão pão, não havia quem lho par-tisse.* (7) Comtudo para excitar cada vez mais em vos-sos corações o desejo de vos instruiredes, instruindo os outros na sciencia da Religião, a qual he tanto mais amavel, quanto mais a estudamos, e conhecemos; e para de algum modo vos ajudarmos em tão santo, e la-borioso exercicio, vamos communicar-vos algumas bre-ves advertencias, principalmente sobre a ordem, e me-

---

(4) Joan. 1. 14. (5) 1 Petr. 2. 3. (6) Ephes. 4. 11. Seq-  
(7) Lament. Jerem. cap. 4.

( 5 )

thodo, que deveis seguir; o que he de maior necessidade neste Bispado, por não haver nelle hum Catecismo propriõ, e accommodado a todas as idades, e classes de pessoas, como seria para desejar; pois desta falta resulta que os rudes e ignorantes se achão muitas vezes embaraçados com a mudança dos Parochos, e quando passão para outra Freguezia, vendo que o ensino, e explicação da Doutrina não he uniforme, ou não podem conservar na memoria o que se lhes ensina de differente modo, ou se persuadem que a diversidade dos termos influe na substancia dos Dogmas, e que as verdades da Fé não são as mesmas em todas as Igrejas.

A reflexão e a experiencia nos tem mostrado, que o methodo mais natural de expor a Doutrina Christã, e o mais conveniente para ella se aprender, e conservar na memoria, consiste em ligar, quanto he possivel, as verdades com a historia da Religião; porque os factos, encadeados huns aos outros, captivão a attenção dos ouvintes; e os Dogmas sagrados, por sua união com estes factos interessantes, ficão mais perceptíveis, e não esquecem com tanta facilidade. (8)

Seguindo pois este plano, amados Irmãos, e principiando pelo Symbolo dos Apostolos, que he o compendio da Fé, vós podeis comprehender na explicação dos seus Artigos a historia, e admiravel economia da Religião; e a esse fim, depois de estabelecida a existencia de Deos, a unidade da sua Divina Natureza, a Trindade das Tres Adoraveis Pessoas, a grandeza de seus Augustos Attributos, e a fecundidade de suas infinitas Perfeições, fareis ver, que este Senhor Omnipotente, só por sua Palavra, creou do nada todo o Universo, e fez o homem á sua imagem, e similhaça, composto de corpo, e de huma alma immortal, dotado de razão, e entendimento para conhecer a verdade, de vontade para querer o bem, e de livre alvedrio para obrar, e para merecer pelo bom uso desta liberdade,

---

(8) S. Aug. Lib. de Catechisand. Rudib.

( 6 )

e por meio da Divina Graça, a eterna Bemaventurança, que consiste em ver a Deos como elle he em si mesmo, e ama-lo immutavelmente por toda a eternidade. Ensinareis como o primeiro homem, e a primeira mulher, creados no estado da innocencia, e de Santidade, perdêrão estes preciosos dons por sua desobediencia ao preceito do Creador, fazendo aprender aos Meninos todas as circumstancias desta quêda fatal na fórma que he referida por Moysés, e mostrando, que o seu peccado corrompeo toda a natureza humana, passando a seus descendentes, que nascem todos filhos da ira, privados da santidade, e justiça original, sujeitos ás miserias do corpo, e da alma, á fome, e á sêde, á intemperança das Estações, ás dores, ás enfermidades, á necessidade de morrer, e sobre tudo á ignorancia, e á concupiscencia, excluidos do Reino de Deos, e dignos de eterna condemnação. (9) *Mysterio incomprehenhivel, e superior á nossa intelligencia, mas sem o qual nós somos incomprehenhíveis a nós mesmos.*

Neste deploravel estado do Genero humano mostrareis como Deos lançou logo sobre elle suas vistas de compaixão pela promessa de hum Libertador, annunciado depois por huma successão de Profetas inspirados pelo Espirito Santo, e figurado na Lei Escrita dada a Moysés, e no Governo, e Religião de hum Povo escolhido d'entre as mais Nações prevaricadoras, para ser o Depositario das suas promessas: como estas se cumprirão no termo marcado pelos Profetas, vindo ao mundo este Divino Redemptor promettido, o qual, Filho unico do Eterno Padre, se revestio da nossa carne, e unio substancialmente na sua Pessoa a Natureza humana com a Natureza Divina, prégou aos homens huma Doutrina Celestial, satisfez á Justiça de Deos por todos os peccados do mundo, derramando o seu Sangue precioso, e morrendo em huma cruz; confirmou todos estes *Mysterios* por sua Resurreição, e Ascensão glo-

(9) *Rom. 5. 1. Cor. 15. Concil. Arausican. 2. Cap. 1.*

( 7 )

riosa, formou, e propagou maravilhosamente pela vinda do Espirito Santo, e pela missão dos Apostolos, e de seus Successores á Igreja Christã, que ha de durar até á consummação dos seculos, e ha de ter a sua perfeição na vida eterna, que he o ultimo objecto da Fé, e da Esperança dos Christãos: e concluireis, que de tantos dons sobrenaturaes só he author, e distribuidor Nosso Senhor Jesu Christo, e da sua plenitude os recebemos, como diz S. João: (10) que nelle se encerrão todos os thesouros da Graça, os quaes sahem desta fonte sagrada a santificar os homens por canaes visiveis, e invisiveis, mas principalmente pelos Sacramentos.

Na instituição destes Symbolos mysteriosos, que Deos como Pai amante, e misericordioso proporcionou á nossa fraqueza, e ás nossas necessidades para nos santificar por sua virtude desde a nossa primeira regeneração, até chegarmos ao estado de varão perfeito, (11) se manifesta sobremaneira a sua infinita Bondade para com os homens; e por isso não basta fazer aprender aos meninos o número dos Sacramentos, mas he necessario expôr, e fazer conhecer a todos os Fieis a influencia de cada hum delles na grande obra da nossa Santificação.

Das Sagradas Fontes do Baptismo sahe o Christão huma nova creatura, que fica pertencendo a Jesu Christo, e ao seu Corpo Mystico; e em quanto a agua santificada pelas bençãos da Igreja, e pela invocação das Tres Divinas Pessoas, lava exteriormente o Corpo do Baptizado, hum Espirito mais puro que a luz desce invisivelmente á sua alma, e a purifica de todas as manchas do peccado; perdoa toda a pena eterna, e temporal, que lhe he devida, e diminue a concupiscencia, e inclinação ao mal, tristes effeitos do peccado original, que o Baptismo não tira, e aos quaes sempre ficamos sujeitos, para que sirvão de exercicio á nossa virtude, humilhando-nos, e fazendo-nos lembrar da nossa quéda em Adão, e da necessidade em que ella nos poz

---

(10) *Joan.* 1. 16. (11) *Ephes.* 4. 13.

( 8 )

de combatermos incessantemente contra as nossas desordenadas paixões. Além disto, deveis lembrar aos Fieis as promessas, que fizeram a Deos neste Sacramento, recebidas, e confirmadas pela Igreja, escritas, e selladas com o Sangue de Jesu Christo, e a obrigação de as guardar, e renovar muitas vezes, abrenunciando ao Demonio, ás suas pompas, e ás suas obras, que são os peccados, os prazeres da carne, as maximas, e as vaidades do mundo, afim de que, não só pela Fé, mas pela caridade, e boas obras, que a devem animar, correspondão á profissão, e á santidade do nome Christão.

Restabelecido o homem pelo Baptismo nos direitos da herança eterna, e resgatado do poder das trevas, (12) fica ainda fraco, e como na infancia da vida Christã, e precisa de forças para conservar as prerogativas, e cumprir fielmente as promessas, e obrigações do seu segundo nascimento, e para resistir aos ataques do mundo, e do Demonio, confessando, e glorificando altamente a Jesu Christo, quando o pedirem os interesses da Fé; e taes são os effeitos, que em nós produz o Sacramento da Confirmação, communicando-nos o Espirito Santo com todos os seus dons. Elle não he de absoluta necessidade para a Salvação; mas he de preceito Divino, e todos aquelles que deixão de o receber por desprezo, ou negligencia, peccão mortalmente. (13) E porque a respeito deste Sacramento se encontra em toda a parte a mais crassa ignorancia, convem muito, amados Irmãos, que o expliqueis com grande cuidado aos vossos Parochianos, instruindo-os sobre a sua natureza, virtude, excellencia, e dignidade, a fim de que todos procurem recebe-lo com diligencia, e com as Santas disposições, que elle exige, para se conseguirem os fructos da Divina Graça.

Feitos já Filhos de Deos por hum nascimento todo espiritual, e não por huma geração carnal, nem pela

(12) *Coloss. 1. 13* (13) *Benedict. XIV, Constit. Etsi Pastoralis.*



( 9 )

vontade do homem , mas do mesmo Deos , (14) nós precisavamos de hum alimento immortal, e Divino para crescer, e para engordar a nossa alma, segundo a expressão de Tertulliano. (15) Ora este prodigio, o maior da Omnipotencia Divina, e o mais digno do seu amor, he o que a Fé nos descobre na instituição, e participação da Sagrada Eucharistia.

Suppondo pois os Fieis vossos Parochianos bem convencidos da altissima dignidade, e excellencia deste Sacramento, e de que sendo todos instituidos por Jesu Christo para communicar a sua Graça aos homens, nenhum pôde ser comparado a este, em que realmente existe o seu Corpo, Sangue, Alma, e Divindade, deveis pôr todo o vosso cuidado em expor os immensos fructos deste Sacramento, e as disposições para se receber. Impossivel parece, diz o Cathecismo do Concilio de Trento, (16) explicar com palavras a riqueza, e abundancia de todo o genero de bens, que se encerrão, e se nos communicão nestes Sacrosantos Mysterios; o que se poderá fazer de alguma sorte, examinando a natureza, e a virtude de todos os Sacramentos, e comparando a Eucharistia á fonte, e os outros a regatos, que della correm: porque verdadeiramente se deve chamar fonte de toda a Graça, contendo em si por hum modo maravilhoso, e ineffável, a mesma fonte das Graças, e dons Celestiaes, e o Author de todos os Sacramentos, Jesu Christo, de quem, como de fonte, se deriva toda a sua perfeição, e as suas Graças; e deste principio se pôde colligir quaes sejam as excellencias da Sagrada Eucharistia; o que vós desenvolvereis, tomando por assumpto das vossas Instrucções, como recommenda o mesmo Cathecismo, o cap. 6. do Evangelho de S. João, onde se descobrem os varios effeitos deste Sacramento, o qual não só he alimento Divino, que nutre a alma, mas a esforça contra as tentações, desperta a de-

(14) *Joan.* 1. 12. 13. (15) *Tertull. de Resurrect. carnis.* (16) *Catech. Rom. Part. 2. cap. 4.*

(10)

voção, allumia a Fé, confirma a Esperança, inflamma a Caridade, e dá aos homiẽs os mais seguros penhores da vida eterna.

Quanto ás disposições: vós as explicareis amiudadas vezes, ás pessoas de todas as classes, com a possível energia, e unção: e tratando da primeira, e mais essencial, que he a isenção de peccado mortal, e o estado de graça por meio de huma verdadeira penitencia, não deixeis de lembrar, que sendo todo o peccado mortal incompativel com a graça, e destruindo aquelle genero de similhaça, que convem haver entre Jesu Christo, e o Christão, para se ajuntar dignamente a elle; (17) ha dois, que com mais especialidade repugnão á condição deste Sacramento: e taes são a impureza, e o odio: porque se a nossa carne pela Sagrada Communhão se une tão estreitamente á Carne de Jesu Christo, que fazemos com elle o mesmo Corpo, e o mesmo Sangue: *concorporei, et consanguinei*, segundo a expressão de hum Santo Padre; (18) e os nossos membros se convertem em Templos vivos do Espirito Santo, claro he, que profanando a nossa carne, e o nosso corpo pelo peccado da impureza, profanamos de hum modo mais particular este Santuario, onde se digna repousar o nosso Divino Salvador. He tambem este Sacramento hum signal de amor, vinculo de união, e de caridade, como lhe chamão os PP; (19) porque nelle participão os Fieis de hum mesmo alimento, e do mesmo espirito; o que faz, que todos elles sejam huma mesma cousa por amor: e assim ninguem deve chegar á Sagrada Mesa, sem se resolver a pôr por obra o que o Salvador nos encommendou, dizendo: *Se quando offeres a tua offerta diante do Altar, ahí te lembrar, que teu Irmão tem alguma queixa contra ti, deixa a offerta ao pé do Altar, e vai primeiro reconciliar-te com elle; e feito isto poderás tornar a offerecer o teu dom.* (20)

(17) *Granad. Memor. da vida Christ.* (18) *S. Cyrill. Hieros. Catech. Mystag. 4.* (19) *S. Aug. Tract. 26. in Joan.* (20) *Matth. 5. 23.*

( 11 )

Com tantas Graças, que o homem recebe nestes Sacramentos, não deixa de ser ainda assim victima desgraçada da sua concupiscencia, de se enfastiar da feliz liberdade de Filho de Deos, e de recahir a cada passo na escravidão do Demonio, e do peccado. Jesu Christo sem attender á nossa indignidade, e compadecido da nossa miseria, nos preparou no seu precioso Sangue hum banho saudavel, onde somos purificados daquelles mesmos crimes, com que muitas vezes o offendemos depois do Baptismo. Este banho he o Sacramento da Penitencia; e por isso não ha cousa mais importante, que o conhecer bem a natureza, e os admiraveis effeitos deste Sacramento, e ao mesmo tempo as disposições indispensaveis para que este novo beneficio da Divina Misericordia não seja por culpa nossa manancial de abusos, de profanações, e de sacrilegios. E ainda que confiamos do vosso zelo, Irmãos Dilectissimos, que estas disposições hão de ser hum assumpto muito principal das vossas Instrucções, não podemos deixar de vos lembrar, quanto será conveniente não omittir nellas a necessidade do amor de Deos para a justificação do peccador: porque, se elle he necessario, segundo a doutrina do Concilio de Trento, para a justificação dos adultos no Sacramento do Baptismo, como o não será no Sacramento da penitencia, que os PP. chamão Baptismo laborioso? (21)

Com effeito ainda que o temor das penas do inferno seja bom, e a sua utilidade reconhecida na Sagrada Eseritura, (22) e attestada pela Tradição, (23) porque ordinariamente o temor he que principia, e dispõe a conversão do peccador, comtudo só o amor he que muda, e converte o coração, extingue todo o affecto ao peccado, e exclue a vontade de peccar, que não he incompativel com o temor; dá vida ás nossas acções, (24)

(21) *Trid. Sess. 6. cap. 6. Can. 3.* (22) *Eccles. 1. 28. Matth. 10. 28. Luc. 12. 5.* (23) *Trid. Sess. 6. cap. 6. Sess. 14. cap. 4.* (24) *1. Joan. 3. 14.*

( 12 )

e as faz agradaveis a Deos, e obra em nós a Contrição necessaria para recebermos a Graça do Sacramento. Este amor deve ser de preferencia, de maneira que amemos a Deos, mais que as creaturas, como nosso Soberano Bem, e fonte de toda a justiça, e que ao menos comece a dominar em nós, ainda que não tenha aquelle gráo de perfeição, a que póde chegar; porque então produz a Contrição perfeita, que reconcilia o homem com Deos, antes de receber actualmente o Sacramento da Penitencia.

Não cessareis tambem de indicar os casos, e as circumstancias, em que por Direito Divino somos obrigados a purificar-nos com as aguas desta Piscina Saudavel; assim como de inculcar a importancia do preceito da Confissão annual, com que a Igreja, sempre cuidadosa da Salvação de seus Filhos, quiz remediar a relaxação dos Fieis, servindo-se do rigor das Censuras, que a piedade fervorosa dos primeiros Christãos fazia desnecessario, dando a este fim as providencias, que se encontram nos Concilios Geraes Lateranense 4. e Tridentino, adoptadas uniformemente nas Constituições Synodales de todas as Dioceses, que Nós havemos de fazer observar, procedendo contra os transgressores rebeldes pelos meios canonicos que são da Nossa Competencia, e Jurisdicção Ordinaria.

Aquelle documento da Sagrada Escritura: *em todas as tuas obras lembra-te dos teus novissimos, e nunca jámais peccarás*: (25) he huma advertencia tacita aos Pastores, para exhortarem o Povo Fiel á contínua meditação da morte. (26) E como o Sacramento da Extrema Unção não póde deixar de excitar em nós a memoria saudavel deste ultimo dia, bastaria esta razão para fallar d'elle com frequencia; não só por ser conveniente descobrir, e explicar os Mysterios, que respeitão á Salvação, mas tambem porque considerando os Fieis a necessidade de morrer imposta a todos os homens, re-

(25) *Eccles.* 7. 40. (26) *Catech. Rom. P. 2. cap. 6.*

( 13 )

frearão seus depravados appetites ; e longe de se perturbarem com este pensamento, darão Graças immortaes a Deos Nosso Senhor, o qual depois de nos abrir as portas da vida eterna pelo Sacramento do Baptismo, instituiu tambem o da Extrema Unção, para, acabado o termo da nossa peregrinação, nós franquear mais o caminho do Ceo, augmentando a Fé, e a confiança do Enfermo, e fortalecendo-o contra os esforços do Demonio, que nesta ultima hora trabalha por lançar os moribundos em huma funesta segurança, ou em horrosa desesperação.

A respeito deste Sacramento, carissimos Irmãos, tambem ha prejuizos, e abusos, de que vos deveis fazer cargo nas vossas Instrucções: e hum dos mais perigosos he reserva-lo para os derradeiros momentos: porque he constante, que para se participar mais copiosamente da Graça do Sacramento, importa muito ungir o Enfermo, quando elle se acha com o juizo, e a razão ainda livre, de maneira que possa dispor-se a recebe-lo com huma Fé viva, e com fervorosa piedade, e em circumstancias de poder conseguir a saude corporal, quando ella for conveniente á sua Salvação, que he outro effeito deste Sacramento. Ao menos isto parece ser mais conforme á pratica da Igreja Catholica nos seus melhores tempos, e ao espirito do Apostolo S. Tiago, o qual não diz: Se algum de vós está moribundo, ou no ultimo extremo da vida, mas: *Se está gravemente enfermo.* (27) E posto que rarissimas vezes se experimente aquelle effeito secundario, não he porque o Sacramento tenha menos virtude, e efficacia, mas procede da pouca Fé, tanto de quem o recebe, como dos seus Ministros; ou tambem de que a Religião Christã já não precisa destes milagres, que nos principios da Igreja erão necessarios para o seu estabelecimento, e progressos. Assim mesmo procurai accender no coração dos vossos Parochianos a Fé mais viva neste

(27) *Epist. Cathol.* 5. 14.

(( 14 ))

Sacramento, a fim de que, deixando á vontade de Deos o que pertence á saude corporal, tenham huma firme confiança de alcançarem por esta Sagrada Unção a saude da alma, e de conhecerem depois da morte a virtude daquellas palavras: *bemaventurados os mortos que morrem no Senhor.* (28)

O Sacramento da Ordem, destinado para dar Ministros á Religião, interessa toda a Igreja em geral, e cada Fiel em particular. Por meio desta preciosa Instituição fica hum homem mortal associado ao Sacerdote de Jesu Christo, recebe o poder de consagrar, e offerecer o seu Corpo, de perdoar os peccados, de abrir, e fechar as portas do Ceo, de annunciar a Doutrina da Salvação, e de regular tudo o que diz respeito ao culto de Deos, e á santificação das almas. He portanto necessario, que os Pastores tratando dos Sacramentos, não deixem de explicar o Sacramento da Ordem; o que será muito proveitoso, não só a elles mesmos, afim de nunca perderem de vista a excellencia, e as obrigações do seu estado, e aos que se destinarem á vida Ecclesiastica, mas tambem ao commum dos Fieis, para que entendão o respeito, e veneração, com que devem tratar os Ministros da Igreja, e maiormente os Sacerdotes, e os Parochos, que são seus Pais Espirituaes, e os dirigem no caminho da virtude, e da santidade. (29)

Em fim Jesu Christo ennobreceo, e santificou aquellas mesmas Instituições, que parecião não exceder os limites da natureza. O Matrimonio, ou a alliança do homem, e da mulher, a mais antiga das Sociedades, que desde o principio do mundo não era mais que hum meio escolhido pelo Creador para perpetuar o Genero Humano, e conservar a sua Obra, he tambem pela misericordiosa Beneficencia do Nosso Salvador, hum verdadeiro Sacramento, fonte de graça, e de felicidade para os Esposos, o mais seguro penhor de huma edu-

(28) *Apocalyps.* 14. 13. (29) *Catech Rom. P. 2. cap. 7.*

( 15 )

eação Christã e Religiosa para os filhos, e o emblema sublime da união de Jesu Christo com a sua Igreja. (30)

Mas como de todos os Sacramentos he talvez este o mais exposto ás profanações, irreverencias, e sacrilegios, e a maior parte das pessoas, que se casão, o fazem com disposições pouco Christãs, e de hum modo desagradavel a Deos, ficando assim privados da Graça santificante, e da especial deste Sacramento, a qual dá direito aos soccorros particulares para se conseguirem os fins, e bens do Matrimonio; e desta raiz infecta nascem ordinariamente a discordia, e desunião dos Esposos, dissensões domesticas, e escandalosas, e todo o genero de desgraças temporaes, e eternas: he de summa importancia, amados Irmãos, fallar com frequencia aos Fieis, tanto das precauções, com que devem abraçar hum estado, que vai decidir da sua sorte na vida presente, e na futura, porque a sábia Providencia do Creador tem destinado cada hum dos homens a servi-lo em diversos estados: como tambem das disposições proximas para celebrarem dignamente a acção religiosa, que o santifica, advertindo-os da estreita obrigação de se reconciliarem com Deos por meio da Penitencia, como se requer em todos os Sacramentos dos vivos; observando escrupulosamente as providencias da Pastoral de 22 de Janeiro de 1796 do Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. Francisco Gomes, Nosso respeitavel Predecessor de feliz recordação; e explicando tudo o mais que diz respeito a este grande Sacramento, á imitação de S. Paulo, e do Príncipe dos Apostolos, os quaes inspirados pelo Espirito Santo, tinham particular cuidado em instruir os primeiros Christãos da sua dignidade, e excellencia, e dos deveres, que elle impõe, e de cujo fiel cumprimento depende o bem da Igreja, e do Estado, a paz das familias, e toda a economia da vida social.

Taes são, Irmãos, e Filhos carissimos, os meios

(30) Ephes. 5. 32.

( 16 )

principaes por onde Jesu Christo nos communica a sua Graça, e os merecimentos da sua Paixão Sagrada, segundo as nossas necessidades, e as differentes situações, em que nos podemos achar na carreira desta vida mortal. Mas esta Graça habitual, e santificante, que Deos nos confere pela virtude mysteriosa dos Sacramentos, he recebida, e se aperfeiçoa em nossos corações, que o Apostolo chama vasos de barro, (31) onde he combatida por huma infinidade de paixões, que nascem da corrupção da nossa carne; e não a poderemos conservar sem os auxilios da Graça actual, que depende principalmente da Oração.

He pois de indispensavel obrigação instruir o Povo Fiel nesta materia importantissima, mostrando-lhe a necessidade, vantagens, e condições da Oração, e facilitando-lhe a prática deste santo exercicio, o mais essencial o irreparavel de todos os meios de salvação. Jesu Christo por sua infinita Bondade nos deixou na Religião tantos remedios saudaveis, e tantos meios para nos santificarmos, que na falta de huns, ainda ha outros, a que podemos recorrer. A efficacia dos Sacramentos he supprida pelas disposições da pessoa, que deseja, mas não pôde recebe-los: a Contrição perfeita em certos casos faz o mesmo que a Confissão: as obras meritorias, e satisfactorias podem ser substituidas por outras de igual merecimento, e satisfação: a esmola, segundo a doutrina dos PP., vale o mesmo que o jejum pela acceitação de Deos: mas nada pôde remediar a falta da Oração: ella he a chave dos thesouros da Divina Graça, e o meio que Jesu Christo nos prescreveo para os conseguirmos; (32) de maneira que sem ella, ninguem, ou justo, ou peccador, tem direito de esperar em Deos; e toda a confiança, que não tiver este alicerce, será inutil, vã, e reprovada.

Com effeito he doutrina assentada entre os Theologos, que Deos não nos deve nada de justiça: se al-

(31) 2. Cor. 4. 7. (32) Matth. 7. 7. Luc. 11. 9. Joan. 16. 24.



( 17 )

guma cousa nos deve, he por effeito da sua Misericordia, ou quando muito por fidelidade, e sempre com dependencia da oração: e por isso póde faltar-nos com as suas Graças, quando não oramos, não sómente sem ser injusto, mas sem deixar de ser Fiel, e Misericordioso. E se isto he verdade a respeito dos soccorros ordinarios da Graça, que diremos de certas Graças especiaes, de predilecção, e preferencia, e principalmente da mais importante de todas, a da perseverança final, que ninguem póde merecer, e de que nem os Santos mais abalizados podem ter certeza sem especial revelação? (33) Pois esta Graça nós a podemos conseguir pela Oração, e só pela Oração: *non nisi orantibus*, diz S. Agostinho. (34) De qualquer modo que Deos nos haja prevenido em toda a carreira da nossa vida, he certissimo, que só aos que orão tem preparado este dom precioso, a corôa de todos os seus dons, a consummação das suas Misericordias, e o ultimo sello da nossa eleição.

Estas importantes verdades infelizmente ignoradas do commum dos Fieis, e tudo o mais que elles devem saber sobre a utilidade, e condições da Oração, vós podeis ensinar, e gravar na sua memoria, e nos seus corações, explicando a Oração do Padre Nosso, ou aquella Divina Formula de orar, que Christo Senhor Nosso ensinou aos Apostolos, e por meio delles a todos os Fieis; servindo-vos a esse fim do já citado Catecismo Romano, composto por ordem do Concilio de Trento para uso dos Parochos, o qual trata esta materia com toda a extensão, e com huma propriedade de estilo, eloquencia, e unção, que não achareis facilmente nos Compendios vulgares, ou nos AA. de Theologia, por onde se estuda nas Aulas.

Esforçados com as armas da Oração contra o inimigo commum do genero humano, que a todo o instante nos cêrca para nos precipitar no abysmo do pecca-

---

(33) *Trid. Sess. 6. cap. 13. Can. 16.* (34) *S. Aug. de Don. Persev. cap. 16.*

( 18 )

do, nós resistiremos com intrepidez aos seus perigosos ataques, e trabalharemos em fazer certa a nossa vocação, e eleição por meio das boas obras, (35) cumprindo por espirito de amor, e caridade, os Mandamentos de Deos, e os da Igreja, que tendem a facilitar a sua observancia.

Eis-aqui, amados Irmãos, outro objecto essencial das vossas Instrucções Pastoraes, que deveis principiar, dando huma noção historica do Decalogo, ou daquela Summa, e Compendio das Leis Divinas, como lhe chama S. Agostinho, (36) que contém as obrigações naturaes do homem para com Deos, e para com o proximo, e a Lei ceremonial da santificação do Sabado, que a Igreja por Tradição Apostolica transferio para o Domingo. Ensinareis, que esta Lei foi dada ao Povo Judaico no Monte Sinai, depois da sua sahida do Egypto, mais de dois mil e quinhentos annos da criação do mundo, e mais de mil e quinhentos antes do Nascimento de Jesu Christo, querendo Deos convencer o homem por huma longa experiencia das duas feridas principaes, que o peccado fez na sua natureza, a cegueira do espirito, e a corrupção da vontade. Para convencer o homem da cegueira do espirito, deixou-o por muitos seculos sem lhe dar a Lei Escrita; e neste longo periodo os homens mostrarão pelos infinitos erros, em que cahirão, as profundas trevas do seu entendimento. Mas como tambem estavam cheios de corrupção na vontade, e comtudo imaginavão, que bastava conhecer as suas obrigações para as cumprirem, Deos depois de lhes dar a Lei Escrita, deixou ainda passar mais de quinze seculos sem lhes dar a Lei da Graça, que foi trazida por Jesu Christo, afim de conhecerem a sua fraqueza, e a necessidade da Graça do Redemptor para cumprirem a mesma Lei.

Porém Jesu Christo dando esta Lei nova, que substituiu a realidade ás sombras, e figuras da Lei antiga, e fazendo cessar para sempre o culto, e as ceremonias

---

(35) 2. Petr. 1. 10. (36) S. Aug. Quæst. 140. Lib. 2. Sup. Exod.

( 19 )

Judaicas, não abolio a Lei Moral do Decalogo, antes lhe deo hum novo gráo de authoridade, e descobrio toda a sua extensão, e perfeição, que por isso lhe chama a Escritura: (37) *mandamentos eternos, e immutaveis*, e a sua observancia o caminho unico para entrar na vida eterna. (38)

He portanto necessario, não só explicar cada hum dos preceitos, e o que nelles se comprehende em termos expressos, mas tambem as outras Leis, que se contém nas Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, e tudo o que delles se deduz como principios, resultados, e consequencias das obrigações naturaes do homem; e acompanhar estas Instrucções do que póde mover o coração dos Fieis ao amor desta Divina Lei, considerando, e fazendo ver a sua formosura, (39) sua pureza, sua santidade, sua justiça, a paz que ella dá á alma de quem a observa, a ordem que põe em todas as cousas, e a desordem, e confusão, que nascem das suas transgressões. Com effeito nada ha mais feliz, que huma Sociedade onde se ama a Deos, e cada hum trata o seu proximo como a si mesmo; onde todos são sinceros, justos, caritativos; onde ha superiores benignos, subditos obedientes, e fieis, filhos respeitosos, irmãos amigos, maridos, e mulheres unidos por huma fidelidade inviolavel, e por amor sem alteração; e onde he desconhecida a inveja, o odio, a murmuração, e os partidos. Pelo contrario, não ha cousa mais feia, e abominavel, que huma Sociedade de homens ingratos, e infieis a Deos, onde cada hum se ama sómente a si, e aborrece os outros, e onde unicamente se procura o interesse proprio, a grandeza, as riquezas, o prazer, ainda que seja á custa do credito, da honra, da fazenda, e da segurança dos outros homens. Pois he o amor da Lei de Deos, que fórma a primeira Sociedade, e o desprezo desta Lei faz a segunda; e assim a obediencia ás Leis Divinas, não só he obriga-

(37) *Eccles. 1. 5.* (38) *Matth. 19. 17.* (39) *S. Aug. de mor. Enl. Cath. cap. 30.*

( 20 )

ção nossa, mas faz toda a nossa felicidade; porque Deos só nos manda o que nos faz felizes, e só nos véda o que nos faz desgraçados, e o que deshonra, e desfigura a nossa natureza, e lhe faz perder a sua dignidade, excellencia, e formosura.

Não basta para nos salvarmos, guardar os Mandamentos de Deos, se não guardarmos ao mesmo tempo os da Santa Madre Igreja: e he tanto mais necessario, amados Irmãos, que vos occupei muitas vezes em inculcar aos Fieis esta obrigação, prégando, instando, reprehendendo, e admoestando com toda a paciencia, e doutrina, (40) quanto vai sendo cada vez mais pública, e transcendente a libertinagem escandalosa, que trata com desprezo, e mofa, os Preceitos Ecclesiasticos. Por isso não deixareis de explicar, quando as circumstancias o pedirem, e de provar aos inimigos da Igreja a sua Divina Authoridade; fazendo ver, que ella he huma Sociedade desigual, que tem por fim a nossa felicidade espiritual, e eterna, e que o seu Divino Fundador lhe deo Pastores para a governar até o fim do mundo: que he essencial a todo o Governo o poder de fazer Leis para o bem da Sociedade, para dirigir as acções livres do homem aos seus fins, para corrigir os abusos, e manter a boa ordem, estabelecendo penas correspondentes contra os transgressores: que Jesu Christo deixou este poder á sua Igreja, e ella o exercitou em todos os seculos desde o tempo dos Apostolos: (41) e que os seus Preceitos, e Mandamentos, principalmente este pequeno número, que se ensina nos Cathecismos, e nas Constituições dos Bispados, longe de serem hum jugo pezado, são meios saudaveis, que regulão a nossa piedade, e excitão a nossa tibieza para melhor cumprirmos as Leis de Deos, e de Jesu Christo, em que todos são fundados, como he facil mostrar, discorrendo por cada hum delles. He pois hum peccado grave no seu genero qualquer transgressão contra os Mandamentos da Igreja, fóra do caso de verdadeira

(40) 2. *Timoth* 4. 2. (41) *Act.* 15. 28. *Seq.* 20. 25. *Seq.*

( 21 )

impossibilidade física, ou moral; e muito mais grave, quando he por desprezo da sua Authoridade. Quem desobedece á Igreja, desobedesse ao mesmo Deos, conforme aquellas palavras de Jesu Christo aos Apostolos, e na pessoa destes aos seus Successores: *o que a vós ouve, a mim ouve, e o que a vós despreza, a mim despreza: e quem me despreza, despreza aquelle que me enviou.* (42) E as outras ditas aos Discipulos: *se algum de vossos Irmãos não ouvir a Igreja, isto he, se não sujeitar ás suas Leis, e aos seus Mandamentos, seja tido por hum Gentio, ou hum Publicano.* (43)

Na explicação do primeiro Preceito do Decalogo, tem lugar proprio a da virtude da Religião, e das tres virtudes Theologaes, Fé, Esperança, e Caridade. O amor de Deos comprehende todo o culto que lhe he devido, e que faz o objecto daquelle Mandamento. Quem ama a Deos de todo o coração, crê a sua palavra com inteira submissão d'espirito, e de coração, põe nelle toda a sua esperança, adora-o com os mais puros sentimentos de Religião, e honra o Ser Supremo de todos os modos que elle quer ser honrado pela creatura: he o que diz S. Agostinho naquellas palavras: *qui recte amat, procul dubio recte credit, et sperat: qui non amat, inaniter credit, inaniter sperat.* (44) Nem o culto que nós damos a Deos pelas virtudes da Fé, Esperança, e da Religião, he verdadeiramente Christão, e digno d'elle, quando não tem por princípio o seu amor: *Nec colitur ille nisi amando:* (45) e assim mesmo não se confundem estas virtudes: a Fé não he a Esperança, nem estas são a Caridade. Ellas tem hum unico objecto, que he Deos, mas considerado debaixo de diferentes relações: a Fé honra-o como Soberana Verdade; a Esperança como Soberano Bem, que devemos algum dia possuir no Ceo; a Caridade como a Bondade, e Justiça essencial, e que acaba de formar entre Deos, e o homem, aquella santa união começada pela Fé, que ainda na vida presente faz a nossa felicidade;

(42) *Luc. 10. 16.* (43) *Matth. 18. 17.* (44) *Enchirid. cap. 117. n. 31.* (45) *Id. Ep. 140. cap. 18. n. 45.*

( 22 )

a Religião em fim, como primeiro Ser, e Soberano Senhor de todas as cousas. Mas com estas virtudes, só honramos a Deos, amando esta verdade eterna, e suprema, em que cremos, desejando por hum amor sincero unir-nos eternamente a esta fonte de todo o bem, que esperamos; e humilhando-nos por princípio d' amor debaixo desta Soberana Grandeza, que se digna aceitar as nossas adorações. Não ha pois Caridade sem Esperança, nem Esperança sem Caridade, nem huma e outra sem Fé. (46)

O muito que se pôde dizer destas virtudes, e dos peccados contrarios, deixamos, amados Irmãos, á vossa prudencia, e ao vosso zelo; e só aqui vos lembramos, que he necessario instruir os Fieis no que pertence ao uso, prática, e exercicio das mesmas virtudes; mostrando-lhes que ellas não são estereis, e ociosas; que a obrigação de fazer os seus actos, não só he frequente, mas de algum modo contínua; e que para satisfazer a esta obrigação, como convem, não basta recitar as Formulas, chamadas Actos, que se achão nos Catechismos, e Livros de Devoção, as quaes apenas se podem considerar como bons pensamentos, que tendem a excitar em nós estas virtudes, e que pela maior parte são palavras repetidas sem attenção, e desmentidas pelas obras: mas he essencial, que todas as nossas acções tenham por motivo, e por fim as mesmas virtudes, e que a nossa vida seja vida da Fé, da Esperança, e da Caridade; não havendo acto do entendimento, ou da vontade, em que consiste a vida da alma, que não seja dirigido por estas soberanas virtudes.

Não será contra a boa ordem fallar aqui da obrigação de referir a Deos, em Nome de Jesu Christo, todas as nossas acções deliberadas, a qual não he de meo conselho, mas de preceito, como affirma S. Thomás. (47) Porque, nós não somos Senhores de nós mesmos; pertencemos a Deos a titulo de Creator, e de ultimo

(46) S. Aug. *Enchirid. cap. 9. n. 3.* (47) S. Thom. *in Comment. Ep. Paul. ad Coloss. Lect. 3. in fin.*

( 23 )

fim, e a Jesu Christo Nosso Redemptor; e por isso em rigor de justiça lhe devemos todas as nossas acções, do mesmo modo que lhe devemos o beneficio da vida, e da Redempção. Esta doutrina he huma consequencia do preceito de amar a Deos de todo o coração, e sobre todas as cousas: he fundada naquellas palavras do Apostolo: *ou vós comais, ou bebais, ou fazeis qualquer outra cousa, fazei tudo para gloria de Deos: (48) tudo quanto fizerdes, seja de palavra, ou de obra, fazei tudo em Nome de Nosso Senhor Jesu Christo: (49)* e finalmente tem por si a authoridade de grande numero de Theologos de melhor nota. (50) Não he tambem tão difficil-tosa na prática, como parece á primeira vista, sendo explicada no sentido verdadeiramente orthodoxo: porque para se cumprir, não he sempre necessaria a intenção actual, que seria impossivel nesta vida, mas basta a habitual, ou virtual: nem ainda as omissões desta ultima Deos nos imputa muitas vezes como faltas graves, quando vê, que o nosso coração he seu, e que em geral fazemos deligencia por obedecer á sua santissima vontade. Achareis esta materia tratada sem perigo de novidade em Berti, e em outros muitos Theologos. (51)

Estas são as materias principaes, a que se podem referir outras muitas, que agora omittimos, que devem entrar no plano das vossas Instrucções. Trabalhai pois, carissimos Irmãos, com paciencia, caridade, pureza d'intenção, e bom exemplo, em promover pelo ensino continuado das verdades santas, e da sã Doutrina, a salvação dos vossos Parochianos, a qual he tão preciosa aos olhos de Deos, que elle não julgou indigno da Magestade de seu Filho unico fazer-se Homem, padecer tantos tormentos, e morrer em huma Cruz para merecer a qualidade de Salvador das Almas. Imitai es-

(48) 1. Cor. 10. 31. (49) Coloss. 3. 17. (50) Estius in Ep. 1. Cor. c. 10. Silvius in 1. 2. Q. 13. Godeau Instrucc. Synod. Salmer. Disp. 6. in Ep. ad Coloss. (51) Berth. de Theolog. Discipl. T. 5. P. 1. Art. 6. Schr. Inst. Theol. Dog. et Mor. T. 2. cap. 11.)

( 24 )

te Divino Original, e consummai a vossa Santificação nas Funcções do Sagrado Ministerio. Mas debalde os Ministros de Jesu Christo plantão, e regão, se elle mesmo não dá o crescimento á boa Semente. (52) A unção interior do Espirito Santo he que instrue effizamente, inspirando a intelligencia, e o amor das verdades que a Religião nos propõe. Rogamos pois áquelle Senhor vos dê este espirito de Sabedoria, e de Luz, que esclareça os olhos do vosso coração, em ordem a que conheçais qual he a esperança a que elle vos chamou, e quaes as riquezas, e gloria da herança, que elle prepara aos Santos. (53) Este Pai de misericordia, e Deus de toda a consolação, nos faça vêr a vossa Fé, e a vossa piedade: o que além de fazer menos penoso o nosso Ministerio, nos encherá de incrível alegria, e moverá a dizer com o Apostolo: *vós o nosso gozo, e a nossa coróa.* (54) Attendei, Filhos carissimos, a este, ainda que indigno, vosso Pastor, que vos tem no coração, e vos falla, mais com a ternura de Pai, que com a authoridade de superior: e o *Deos de paz, que resuscitou dos mortos pelo Sangue do Testamento Eterno a Jesu Christo Senhor Nosso, grande Pastor das ovelhas, vos aperfeioe em todo o bem, para que façais a sua vontade, fazendo elle em vós o que seja agradavel a seus olhos por Jesu Christo, ao qual he dada gloria pelos seculos dos seculos. Amen.* (55)

E para que esta nossa Pastoral chegue á noticia de todos, ordenamos, que seja remettido hum Exemplar para cada huma das Parochias do Bispado, onde será lida á Estação Conventual no primeiro Domingo, ou Dia Santo, que se seguir ao da entrega, e depois guardada no Archivo da Igreja. Dada em Faro no Palacio da Nossa Residencia, sob Nosso Signal, e Selo das Nossas Armas, aos dezoito de Janeiro de 1826.

BERNARDO Bispo do Algarve.

(52) 1. Cor. 3. 7. (53) Ephes. 1. 17. 18. (54) Philipp. 4. 1.  
(55) Hebr. 13. 20.